


O PROBLEMA DO ATEÍSMO EM NIETZSCHE E FEUERBACH: DA MORTE DE DEUS AO HUMANISMO

Wesley de Jesus Barbosa¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

 <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO:

o presente artigo pretende esboçar o humanismo de feuerbach em seu *a essência do cristianismo* em diálogo com a noção nietzscheana da morte de deus, pois é com a morte de deus e a queda de todos os ídolos que é possível vislumbrar deus, não como o transcendente absoluto, mas como criação humana, *demasiado humana*. uma projeção do eu num fora seguro e magnânimo, ancoradouro de todos os desejos humanos, desde os poderes mágicos e milagrosos até o arrebatamento do corpo e da alma numa paz santificadora e eterna. enquanto deus, o homem faz o milagre de existir na fantasia confortadora de um ente supremo, nada mais que ele mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Morte de Deus; Cristianismo; Homem.

THE PROBLEM OF ATHEISM IN NIETZSCHE AND FEUERBACH: FROM THE DEATH OF GOD TO HUMANISM

ABSTRACT:

the present article intends to outline feuerbach's humanism in his the essence of christianity in dialogue with the nietzschean notion of the death of god. for it is with the death of god and the fall of all idols that it is possible to glimpse god, not as the absolute transcendent, but as a human creation, all too human. a projection of the self into a safe and magnanimous outside, anchorage of all human desires, from magical and miraculous powers to the rapture of body and soul in a sanctifying and eternal peace. as god, man works the miracle of existing in the comforting fantasy of a supreme being, nothing more than himself.

KEYWORDS: God; Death of God; Christianity; Man.

¹Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória – ES, Brasil e em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ, Brasil.

O anúncio da morte de Deus

O homem louco perambulava na sua sina de veicular a notícia do maior acontecimento da História. Entrava nas igrejas e cantava seu *Requiem* em homenagem aos mortos, a morte de Deus, se indagando ainda sobre o sentido daquelas majestosas obras arquitetônicas, senão como túmulos de Deus.

Conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “o que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?”(NIETZSCHE, 2001, p.148)

O impacto da sessão 125 de *A Gaia Ciência* é fabuloso. Sua beleza estética é bárbara, o que intensifica o efeito da construção das cenas e o seu desenlace, assim como a imagem sustenta o argumento lançando uma questão filosófica, sem dizê-la completamente, se escondendo nas figuras de linguagem, abrindo portas para a interpretação, exigindo uma atitude reflexiva do leitor. Mas a morte de Deus surge em outros momentos da obra.

A escuridão toma conta da Europa: a notícia da morte de Deus já é ouvida e seus efeitos são sentidos. Pois, as colunas mais duradouras da História, os alicerces mais firmes das vidas dos indivíduos, não passavam de fantasias, amuletos de coragem frente aos desafios mais incólumes. No final, o homem foi o seu próprio conquistador, ele lutou, invadiu, enriqueceu, para o bem ou para o mal, era ele, sem nenhum Deus que justificasse sua glória e nenhum demônio para enaltecer a sua derrota e incompetência. Os mais covardes ainda elevam seus troncos de adoração a Deus, mas, talvez, os artistas, poetas, pintores, músicos, consigam ouvir a notícia e dela retirar algum proveito para a constituição de sua liberdade.

O sentido de nossa jovialidade – o maior acontecimento recente - o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo olhar; cuja a suspeita no olhar é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, algum sol parece ter se posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida: para eles o nosso velho mundo deve parecer cada vez mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, “mais velho”. (NIETZSCHE, 2001, p.233.)

Digo estes, mas não apenas, porque as artes têm uma ponta de si que exige a liberdade. Apesar de as escolas artísticas remeterem-se, novamente, a uma forma de fazer arte como autenticamente melhor que a do período anterior, numa noção visivelmente, de progresso, escravizando-a num dito que se justifica por si mesmo. Porém, alguns artistas, mesmos enquadrados pela semântica da escola, singularizam-se em produções maiúsculas. Mas somente os sujeitos mais raros são dotados desta capacidade de se desprender de seus deuses fazendo-o a si Deus de sua obra e alegria. Transmutando sua vida em obra de arte.

Em Deus fundam-se o certo e o errado. Que curioso, os fundamentos morais se justificarem em premissas de um Deus morto, não seria mais sensato elaborarmos nossas noções de certo e errado pelas nuances da vida enquanto tal! Portanto, a morte de Deus significa a destruição do edifício moral construído nos últimos milênios. Evidentemente, que essa moral dos costumes nunca foi prerrogativa de comportamento. Ora, a condenação do adultério nunca impediu que ele acontecesse e, talvez, não seria ponto de questionamento se a monogamia constituir-se-ia um caminho mais adequado? A homossexualidade sempre esteve por aí, pelas curvas do mundo,

inclusive dentro da instituição católica, nenhum problema até então, o contraditório é se pregar uma coisa que não se cumpre. E, qual o problema de dois padres transarem e casarem, até ter filhos? Essas reflexões como possibilidades de uma vida sem algemas, que surgem a partir da tumba do Deus morto, ainda são sonoramente indigeríveis para a maioria.

Mas pode-se dizer, no essencial, que o evento mesmo é demasiado grande, distante e à margem da compreensão da maioria, para que se possa imaginar que a notícia dele tenha sequer *chegado*; e menos ainda que muitos soubessem já *o que* realmente sucedeu - e tudo irá desmoronar, agora que esta crença foi minada, porque estava sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral europeia, por exemplo.(NIETZSCHE, 2001, p.233.)

Inicialmente, perder Deus, assim de uma forma um tanto quanto trágica, e sendo a humanidade isto que ela é, medíocre e fraca, imaginar-se-ia sim, o fim da moral como um drama hediondo. Entretanto, superado esse trauma é necessário revigorar-se do luto e tocar a vida. Assim, uma outra educação, para a construção de novos valores, levantaria novos alicerces, nem um pouco eternos e absolutos, mas móveis e fluídos. Quando Deus morreu estiveram assustados muitos dos arautos da metafísica, passado o impacto, é crível que a melhor coisa que poderia ter ocorrido, era essa tragédia crepuscular, para que novas auroras viessem, sempre novidades vibrantes da luz de um homem que aprendeu a construir sua própria moral. O escravo exige o seu senhor a chicoteá-lo. Não existem mais algozes porque todos os cativos foram libertos. Quando ainda era escravo enganava-se acreditando no seu senhor como a peça fállica orientadora do turbilhão. Libertado, tem agora, a angústia da liberdade como toda possibilidade, sem ninguém, amigos imaginários ou humanos, a lhe dizer que rota traçar, pode se locomover infinitamente na imensidão do mundo, que não tem explicação, nem sentido, até a morte, algo tão inexplicável quanto a vida.

Talvez soframos demais as primeiras consequências deste evento – e estas, as suas consequências para nós, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas sim algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora... De fato, nós, filósofos e “espírito livres”, ante a notícia de que o “o velho Deus morreu” nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o *nosso* mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto “mar aberto”.(NIETZSCHE, 2001, p.234).

O além-do-homem é o homem capaz de suportar a carga de um Deus morto, tão pesado quanto uma pluma. O homem, por toda a sua história, carregou os maiores pesos, desnecessariamente. Reconhecer que todo esse esforço foi em vão, que o mundo, as coisas, a vida, quando aceita honestamente, são levíssimas, é desesperador ao homem que acostumou-se a carregar pedras. Nenhum peso sobre as costas, nenhuma vontade causalística explicadora, nenhum mundo além deste, e fazer o que quiser como uma vontade de poder sempre em disputa, em tensão com outras forças. O homem santo, penitente, andarilho do pecado, na sua caverna solitária, acha que a vida é esse dispor-se com o invisível. Ele louva o nada, chora pelo nada, fala sozinho nas suas orações mais obstinadas. Zaratustra descobriu o brilho da vida quando conseguiu ver que o sol que nos ilumina não vem de fora, do além-mundo, mas vem de dentro, do homem e da terra em que ele vive. Enquanto portadores da luz, são os homens medrosos, ao mesmo tempo

que vaidosos, pois inventaram no seu delírio justificador, um Deus que é toda luz, na verdade a luz que provém do próprio homem.

“E o que faz o santo na Floresta?”, perguntou Zaratustra.

Respondeu o santo: “Eu faço canções e as canto, e, quando faço canções, rio, choro e sussurro: assim louvo a Deus. Cantando, chorando, rindo e sussurrando eu louvo ao deus que é meu Deus. Mas o que trazes de presente?”

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra saudou o santo e falou: “Que poderia eu vos dar? Deixai-me partir, para que nada vos tire!” — E assim se despediram um do outro, o idoso e o homem, rindo como riem dois meninos.

Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*”(NIETZSCHE, 2011, p.14).

Adiante trabalharemos mais detalhadamente os dilemas de uma concepção de cristianismo como a plenificação de Deus como invenção humana em Feuerbach. Compreensão *in toto* considerada por Nietzsche enquanto suspeita de uma era até ele decadente e negadora do mundo. “Oh, irmãos, esse deus que eu criei era obra e loucura de homens, como todos os deuses! Homem era ele, somente uma pobre porção de homem e de Eu; de minhas próprias cinzas e brasas me veio ele, esse fantasma; na verdade, não me veio do além!”(NIETZSCHE, 2011, p.40). Na divinização de si como um outro plenipotente elaborou-se as mais sofisticadas promessas. Cerimonias cheias de encanto, sons, imagens, cheiros, discursos, elevação. Nestes cultos de adoração o tédio é substituído pela emoção, o sofrimento transformado em percurso para a glória. Assim, sofrer mais é melhor que sofrer menos, numa espécie de ode à dor. Alguém que não sofra e esteja ali, é quase sempre um pecador, um mal pecador, porque ao invés de se afundar em lágrimas eleva-se de alegria por causa de sua vida boa. “Mas ‘aquele mundo’ está bem escondido dos homens, aquele desumanado mundo inumano, que é um celestial Nada; e o ventre do ser não fala absolutamente ao homem, exceto como homem.”(NIETZSCHE, 2011, p.41). O pior tipo de gente foram estes que inventaram Deus, ficam torcendo pela desgraça alheia, porque não suportam ver a felicidade do outro. Em tempos de antivacina, alguns destes velhos cristãos torcem para que algumas crianças que tomaram a vacina contra a Covid-19 morram, comprovando a sua tese estúpida. Ao contrário, deveriam torcer para todos sairmos logo disso, mas usam sua crença religiosa para catalisar o seu ódio às formas de vida exuberantes e maravilhosas. “Foram os doentes e moribundos que desprezaram corpo e terra que inventaram as coisas celestiais e as gotas de sangue redentoras: mas também esses doces, sombrios venenos tiraram eles do corpo e da terra!”(NIETZSCHE, 2011, p.41). Mas Deus está morto! A metáfora de Nietzsche coincide com a da mitologia cristã, Jesus foi assassinado da forma mais bárbara. Justo ele que apregoou pelos quatro cantos da Galileia, a hipocrisia dos doutores da Lei. (Ver Mt 23; Mt 6, 6-8.) A sua morte significou a Nova Aliança entre Deus e os homens, anulando os antigos códigos hebreus pelo exercício absoluto do amor. O Deus morto é o Deus do amor. “Assim me falou certa vez o Demônio: ‘Também Deus tem seu inferno: é seu amor aos homens’. E recentemente o ouvi dizer isto: ‘Deus está morto; morreu de sua compaixão pelos homens’”(NIETZSCHE, 2011, p.107). Apesar de todas as evidências, do aceite inicial da morte, o convalescente ainda não está completamente recuperado da doença, que por tanto tempo o flagelou e, vez por outra, olha para o Deus morto procurando esperança e conforto. “Tampouco se irrita Zaratustra com o convalescente, quando esse olha com ternura para sua ilusão e à meia-noite ronda pelo sepulcro de seu Deus: mas suas lágrimas continuam a ser, para mim, doença e corpo doente.”(NIETZSCHE, 2011, p.42). Outrossim, uma coisa é certa, sem Deus o além-do-homem passa a ser meta.

Diante de Deus! — Mas agora morreu esse deus! Ó homens superiores, esse deus era vosso maior perigo. Apenas depois que ele foi para o túmulo vós ressuscitastes. Somente agora vem o grande meio-dia, somente agora o homem superior torna-se — senhor! Compreendestes essa palavra, ó irmãos? Estais assustados: sentem vertigens vossos corações? Abre-se para vós o abismo? Ladra para vós o cão do inferno? Muito bem! Adiante, homens superiores! Somente agora vêm as dores do parto à montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos — que o super-homem viva.(NIETZSCHE, 2011, p.337).

Anunciada a morte de Deus, libertou-se a filosofia de sua escravidão teológica e metafísica. Portanto, é capaz de, com Deus ou sem Deus, erigir os fundamentos epistemológicos e hermenêuticos que quiser, sem preocupar-se com a fogueira da Santa Inquisição, com a culpa e o castigo infernal, sem a mordada do dogma. Assim, o próximo tópico pretende inserir o leitor no debate sobre o ateísmo, sempre na perspectiva da morte de Deus, ou seja, como contraposição a Deus, o ateísmo não pode edificar-se como outro dogma, pois obedecendo ao princípio da não-contradição: o homicídio de Deus destruiu todos os alicerces morais construídos pelo homem. Se Deus está morto, qualquer coluna rígida demais, acaba por retirar Deus do túmulo e restaura uma idolatria ao cadáver, como uma forma da verdade carcomida pelos vermes do tempo que transformam toda ideia em nada. Avancemos à discussão.

O humanismo de Feuerbach

O pensamento entra na selva abrindo a mata a golpes de facão. Nada mais além disso, nada de máquinas gigantes para agilizar a entrada, o desbravar do pensamento é lento, abrindo pequenas picadas, que logo se fecham por trás daquele que penetra no fundo das coisas. Mas o fundo do pensamento, como uma razão ordeira na investigação da floresta do existir, por mais que busque olhar todos os vislumbres da vegetação, dos insetos, dos animais, das fontes de água, como a catalogar o mais ínfimo detalhe, ainda é superficial na sua investigação, pois o pensamento que adentra na mata para enumerar os seus sentidos, primeiro volta-se para si como primeiro exercício de seu raciocinar. E ao desbravar a si descobre o movimento, os entrecruzamentos, o pensamento puro, e neste farfalhar dos conceitos encontra Deus como o seu milagre originário.

Somente quando pensas Deus é que pensas, rigorosamente falando; porque somente Deus é a faculdade de pensar realizada, preenchida, esgotada. Somente quando pensas Deus, pensas a razão como ela é na verdade,[...].(FEUERBACH, 2007, p. 66).

A razão acontece por si mesma, é portadora de um ritmo, de um encadeamento lógico-semântico, desbravador convicto de si como abertura do pensamento ao pensamento numa circularidade que organiza num sistema o seu devir como dispor-se. O arrebatamento do pensamento na razão é Deus. “A razão não se faz dependente de Deus, mas Deus depende dela.”(FEUERBACH, 2007, p. 67). Todas as coisas servem a razão como motivo de seu funcionamento, mesmo o nada, que não é coisa alguma, é algo para a razão. Porém, esse múltiplo de tudo como motivo para a razão, cada detalhe dele que é destrinchado e manipulado ao sabor do intelecto racional, não pode usar a razão numa contrapartida. O corpo é capaz de resistir ao despotismo da razão, o resto empírico do real submete-se aos arroubos do mecanismo, apesar de não mostrar-se todo de uma vez, sempre deixando ao pensamento um vestígio do inacessível para frustrar a sua arrogância. Mesmo o que frustra é pela razão interpretado como tensão determinante de seu próprio despojar-se. A razão como assunção de si mesma é a propulsão criadora de tudo e de si, ela é a verdade, o motivo, o milagre de todo o existir.

Só a razão é o ser que usufrui todas as coisas sem ser por elas usufruída – é o ser que se usufrui, que se basta – o sujeito absoluto – o ser que não pode mais ser rebaixado para objeto de um outro ser, porque transforma em objeto todas as coisas, porque ela mesma não é uma coisa, porque ela é livre de todas as coisas. (FEUERBACH, 2007, p. 68).

Se a razão é em si mesma a plenitude, o todo que se satisfaz como medida de todas as coisas, condição primeira do determinar, então há nela alguma coisa de Absoluto, de uma essência como substrato original do existir. Ao homem pouco culto pareceria perturbador perceber-se portador de uma entidade falante, que não deixa escapar nada, como uma peça que não se encaixa no seu modelo sistemático. Por isso, ser mais fácil se livrar dessa assustadora autonomia do pensamento, como uma consciência capaz de assentar os pés, bem seguramente no chão, atribuindo a um outro imaginário, isto que somos. As mitologias de todos os tipos, dos mais variados povos e culturas, mostram, precisamente isto, ou seja, suas narrativas, nenhuma delas boba e trivial, sempre com grandes acontecimentos, muito bem articulados, em reviravoltas coerentes ao enredo do mito e da vida, não porque sejam fantásticos, esse inusitado como aparente irreal, serve para enaltecer o real, aprofundar o seu sentido. Sem o caráter mágico do mito ele perderia todo o seu conteúdo racional, explicativo. Ora, os filósofos sabem disso, o que teria sido de Platão sem a sua *Alegoria da Caverna*, essa caverna nunca existiu em lugar algum; mas enquanto mito serviu de sofisticado recurso à explicação de Platão sobre o acesso à realidade das coisas e do mundo como uma forma de conhecimento. Jesus teve a cruz como morte. Morto para redimir a humanidade de sua própria dor. O fez, não pela via da vingança, a Nova Aliança entre o homem e Deus, deu-se pelo sacrifício máximo de Deus feito homem, o cordeiro imolado como sacrifício, como o amor mais inconfessável pela humanidade. O mito de Jesus, o amor de Jesus, são explicitamente, uma razão em movimento como a compreender, de uma vez por todas, o sentido de tudo. O amor é racional. Ao se submeter, Jesus sabia de sua não-morte, pois é Deus. Ressuscitou no terceiro dia, apareceu aos viventes e elevou-se aos céus de corpo e alma resolvendo a multiplicidade da Trindade na Unidade de Deus, como espírito livre. Nada mais racional, realístico, inteligente, sofisticado, bonito: *demasiado humano!*

Assim é a razão, ela tem a sua essência em si mesma, logo, nada tem além de si ou fora de si que pudesse ser comparada com ela; é incomparável, porque é ela mesma a fonte de todas as comparações; é incomensurável, porque é a medida de todas as medidas, pois só medimos as coisas através da razão; ela não pode ser colocada abaixo de nenhum ente supremo, de nenhum gênero, porque ela mesma é o princípio supremo de todas as hierarquias, princípio este que subordina todas as coisas e seres. As definições de Deus dadas pelos filósofos e teólogos especulativos como o ser no qual não se distinguem existência e essência e que é ele próprio as qualidades que tem, de forma a serem idênticos nele sujeito e predicado, todas essas características são também conceitos abstraídos da essência da razão.” (FEUERBACH, 2007, p. 70).

Deus, ou a razão como plenificação, emergem na religião. Fenômeno nem um pouco trivial. Tão antiga quanto o homem, é a religião, presente em todas as culturas, em todos os tempos históricos. A hipótese de Feuerbach é que a religião é o bem mais valioso do homem, sua riqueza mais pessoal e valiosa. “Na religião o homem quer se satisfazer; a religião é o seu bem supremo.”(FEUERBACH, 2007, p. 73). Isto porque na religião como elaboração e execução de uma ritualística complexa de adoração, subjaz um *pathos* como o contato do homem com a sua essência. Na igreja o homem sente-se em casa, ali, há uma harmonia como um ser sem contradição, Deus e homem em comunhão, não como um que acessa o outro pelo rito, mas o um que é o outro numa unidade constituída e indubitável.

Tudo que vive só sente a paz em seu próprio elemento, em sua própria essência. Se então o homem sente a paz em Deus, ele a sente apenas porque só Deus é a sua verdadeira essência, porque aqui ele se sente em casa, porque tudo que ele buscou paz até então e que considerou a sua essência, era um ser diferente, estranho. Portanto, se o homem quiser buscar a paz em Deus deve ele se encontrar em Deus. (FEUERBACH, 2007, p. 73).

Deus é amor, protagonista de todo o perdão. O divino de Deus não é elevado pelo sujeito da oração, mas pelo predicado. O amor está acima do divino, o amor vence Deus. Por isso, uma religião cristã que mata, que não tolera a homossexualidade, a transsexualidade, o ateísmo ou outras expressões religiosas cristãs ou não, não passam de charlatanismo, canalhice, ódio puro, pois antes de tudo, inclusive antes de Deus, está o amor como única verdade cristã.

O amor levou Deus à exteriorização da sua divindade. Não é pela divindade como tal, segundo a qual ele é sujeito na sentença: Deus é o amor, mas pelo amor, pelo predicado que veio a negação da sua divindade; então é o amor um poder e uma verdade mais elevada do que a divindade. O amor vence Deus.(FEUERBACH, 2007, p. 80).

A religião, principalmente a cristã, enquanto genocida, é duplamente anticristã. Primeiro, porque Deus enquanto Deus abdica de seu lugar de Deus e não exige sua adoração como frumento da fé; Deus enquanto Deus solicita ao crente que primeiro ame para depois adorar. Depois, que Deus enquanto homem não pode exercer o seu próprio assassinio, pois entra em contradição com a sua própria essência, logo em fragrante conflito interno, ou seja, em pecado contumaz. Ao crente não resta outra saída senão a absoluta tolerância religiosa como o maior exemplo de amor ao próximo. Salvos não serão os de fé mais entusiasmada, mas os de amor mais profícuo e quente. Não os que queimam bruxas, mas que convivem com elas em frequente diálogo. Não os que julgam os homossexuais como desviados, mas os que olham para si mesmos e percebem o quanto de sua própria sexualidade é sobejamente carregada das mais inequívocas bizarrices e excentricidades. Não os que matam a quem cometeu o crime de matar, mas os que se esforçam para aprender a perdoar até mesmo o assassino de seu pai. Redentores são os que acolhem em seu coração todos os seus inimigos e tudo que lhe mais estranho e intolerável.

Quem é então o nosso redentor e conciliador? Deus ou o amor? O amor, porque Deus enquanto Deus, não nos redimiu, mas o amor, mas o amor que esta acima da distinção entre personalidade divina e humana. Assim como Deus renunciou a si mesmo por amor, devemos também renunciar a Deus pelo amor; porque se não renunciarmos a Deus por amor, renunciaremos ao amor em nome de Deus e teremos, ao invés do predicado do amor, o Deus, a entidade cruel do fanatismo religioso.(FEUERBACH, 2007, p. 80).

Isto que é tão imenso no homem não poderia ficar dentro dele como um orgulhar-se de si, bem modestamente. Igrejas suntuosas foram levantadas, impérios inteiros existiram e se destruíram em nome de Deus, as obras de arte mais extraordinárias tiveram a tinta de seus santos pintores, os traços mais delicados e precisos, os cinzéis de seus escultores, as formas mais graciosas e imortais: “O objeto religioso é apenas um pretexto da arte ou da fantasia para poder exercer o seu domínio sobre o homem sem obstáculo.”(FEUERBACH, 2007, p. 100). O artista não inventa nada de muito distintamente distante de si mesmo, na arte sacra, o autorretrato do pintor é a expressão mais real do santo como imagem de adoração e culto. O Renascimento evidencia isto muito bem, Michelangelo na sua criação de Deus, dos santos, dos apóstolos, acabou por representar essas essências divinas como as mais humanas, não havendo contradição alguma entre o afresco da Capela Sistina e o conteúdo teológico conceitual mais contundente o qual se pretendia

remeter. O mesmo vale pra Rafael e sua *Transfiguração*. “Ah, a imagem do santo é também uma auto-afirmação do santo; porque o santo se mostra para o artista; o artista só o representa como ele se mostra ao artista.”(FEUERBACH, 2007, p. 101). A História da Arte no ocidente, trata no decorrer de sua longa tradição, da História da Arte cristã, e isto não é qualquer coisa na configuração de um determinado modo de ser. O judaísmo cristianismo constitui o ocidente como o seu ser mais profundo e duradouro. Para Feuerbach, porque o judaísmo cristianismo é a mais sonora materialidade do homem enquanto tal, o ser do homem como o ser de Deus, de tal modo que tudo será marcada por estas veleidades.

Deus é o ser-para-si, objeto de si, objeto do sujeito que é. Mas a essência de Deus como seu ser plenipotente, que é conhecida pelo sujeito, não é pensada numa região circunscrita onde Deus, solitário no seu existir, fosse pleno na sua vacuidade desinteressada. Deus só pode conhecer a sua essência quando for capaz de pensar o outro, o além de si mesmo como a comungar sua essencialidade com outras essencialidades, e disto avaliar distinções e aproximações. O objeto de avaliação do essencial de Deus, primordial ao seu ser enquanto tal é o homem enquanto obra-prima, segundo a mitologia. “[...], Deus é a consciência de si mesmo estabelecida como objeto, como essência; mas enquanto ele se conhece, se pensa, pensa ele também ao mesmo tempo em algo que não é ele próprio; porque saber-se é distinguir-se de outro, seja este possível, imaginado ou real.”(FEUERBACH, 2007, p. 104). Deste avaliar de Deus, conclui Deus sobre sua identidade com o humano, não sendo sua essência nada mais que a essência do homem. A essência do cristianismo como a essência do homem. Pai e filho como um idêntico do primeiro no segundo e um não idêntico num terceiro. Cristo une o Pai e o Espírito Santo, pois oferece o milagre humano do sacrifício maior por amor ao homem, a sua essência. Porque ama que é homem e por levar este amor as últimas consequências, que vislumbra o Espírito Santo, e portanto recompõem-se naquele que é Pai. Se é Pai na relação, se é Cristo na relação, se é um Espírito Santo no amor do filho pelo Pai, filho homem que é Deus Pai.

O filho pensado, objetivado, o simulacro original, o outro Deus, é o princípio da criação do universo. A verdade que subsiste no fundo é a essência do homem: a unidade que existe da consciência de si mesmo com a consciência de um outro que é idêntico e de um outro que não é idêntico. E o segundo elemento, o outro idêntico, é necessariamente o ponto de união entre o primeiro e o terceiro. A ideia de um outro em geral, de um essencialmente outro, só surge através da ideia de um outro igual a mim mesmo quanto à essência.(FEUERBACH, 2007, p. 104).

“[...] o homem é o Deus do homem.”(FEUERBACH, 2007, p. 105). Homem e Deus, unidade complexa, irrompe, inicialmente, como diversidade, o eu projetado no outro. Contudo, esta ficção desagregadora da essência de Deus como um distinto inefável, é uma manobra do próprio pensamento para se encontrar sempre na posição de pensamento. Se Deus e homem já fossem de uma vez todas, Deus ou homem, sem este movimento de ir e vir para separar e hierarquizar, intenção da teologia, ou para compactar e fossilizar o Um essencial, jogo filosófico de Feuerbach; não haveria mais pensamento enquanto razão pura.

Se eu tirar de Deus a diferença, ele não me proporciona mais material para o pensamento; ele deixa de ser um objeto de pensamento; porque a diversidade é um princípio essencial do pensamento.(FEUERBACH, 2007, p. 108).

Deste modo, a teologia elabora o mundo segundo o seu delírio de desejos, escreve uma imensidão de livros para rascunhar um Deus, que para ela é a meta a ser alcançada num além-mundo, porém o que faz na sua teórica do absurdo é colocar-se, sem perceber, na primeiríssima

posição de sujeito do desejo, que tem como objeto de adoração a si mesmo como este Deus primeiro que inventou como subterfúgio de sua arrogância. Deus é tão humano numa evidência tão límpida, que não é raro deparar-se com discursos profundamente violentos advindos de um dogma divino, autorizando o apedrejamento, o empalamento, o armamento da população para que esta possa matar aqueles que lhe são indesejados, que criminosos sejam assassinados pelo Estado como medida mais santa de uma fé, de fato, séria.

O místico tem os mesmos objetos que o pensador simples, consciente; mas o objeto real não é para o místico o objeto em si mesmo, mas um objeto fictício e por isso é o objeto fictício para ele o objeto real. Assim é aqui, na doutrina mística dos dois princípios em Deus, o objeto real a patologia, o objeto fictício a teologia, isto é, a patologia torna-se teologia.(FEUERBACH, 2007, p. 110).

Para alguns antes do início era o verbo, era o caos ou era o nada. E do nada total surgiu toda a possibilidade. O nada criador é a plenificação do milagre, não como um existir mesmo objetivo, sem homem, sem sujeito. A criação como processo original arrebatada de toda insignificância, o homem como, não só ator de sua história, mas como criador de toda a História. “O milagre é,[...], apenas uma obra e um objeto da imaginação – portanto, é também a criação a partir do nada o milagre original.”(FEUERBACH, 2007, p. 121). A imaginação como invenção, criação, exercício reverberante de todo o sentido, não cabendo mais uma distinção dura entre fantasia e realidade, pois a realidade não é em si mesma um fato, mas uma fantasia. Todo viver é uma autoilusão, um jogo confuso de fantasmagorias. Outrossim, porque deliramos o mundo que fazemos parte dele como seu engenheiro inventor e o habitamos, regozijados, de que o deserto recalcitrante é só um jeito da vida nos provocar a desafiá-la.

A criação a partir do nada é a mais alta expressão da plenipotência. Mas a plenipotência é apenas a subjetividade que se liberta de todas as qualidades e limitações objetivas e que festeja esta sua liberdade como o mais alto poder e essência – o poder da faculdade de colocar o subjetivo como real, o imaginável como possível – o poder da imaginação ou da vontade que é idêntica à imaginação, o poder da arbitrariedade.(FEUERBACH, 2007, p. 120).

Assim, criados do nada, somos criadores e criaturas, a nossa própria semelhança. Que como sofredores arrumamos explicações para o sofrer tentando reduzir a dor. O pecado original, a desobediência, a desarmonia dos deuses, a sede de sangue dos deuses, os sacrifícios para expiação da dor, no fim se procura a felicidade, a dignidade humana. Algo que seja reconfortante no sentido de, ao menos, não sermos uma mera ocasionalidade no turbilhão. “Logo, a crença em Deus nada mais é do que a crença na dignidade humana. [...] A religião deixa isto bem claro ao fazer do homem a meta da criação. Todas as coisas existem por causa do homem, não por si mesmas.”(FEUERBACH, 2007, p. 124). O homem, vaidoso como só ele, não pode ser desmascarado de seus ideais, apetrechos e ornamentos que o embelezam para esconder suas imperfeições mais desestabilizadoras; o homem não pode não ser especial. E Deus sabe da imensidão deste ser e, por isso, o envolve nas mais intrincadas artimanhas de jogador para que conquiste a felicidade. Deus quer o homem feliz, sabe como proporcionar esse estado de santidade da alma, mas não o fará sem que a criatura seja testada, que conquiste sua glória. Deus sabe do homem tanto quanto ele sabe dele mesmo para alcançar a felicidade.

Deus se preocupa comigo; ele quer a minha felicidade, a minha salvação; ele quer que eu seja feliz; mas eu também quero; o meu próprio interesse é então o interesse de Deus, a minha própria vontade a vontade de Deus, meu próprio objetivo o objetivo de Deus, o

amor de Deus por mim nada mais é do que o meu amor-próprio endeusado.(FEUERBACH, 2007, p. 123).

A teologia, atolada no seu fanatismo religioso, distorce as narrativas advindas do mito. Israel, a origem do monoteísmo, ou dos monoteísmos mais sonoros, inventou um Javé para os seus interesses de Estado. A todo momento atacado por egípcios, persas, babilônicos, filisteus, gregos, romanos, numa terra miserável, seca e dura, mas que como povo escolhido, passou pelas provações mais severas, o cativo do Egito, a travessia do deserto, o cativo da Babilônia, uma sequência de guerras infundáveis, a fome, a promiscuidade dos políticos. Porém, Deus deu ao povo um Moisés libertador, o Maná no deserto, as vitórias de Davi, de um exército insignificante e despreparado contra máquinas de guerra treinadas para tomar o mundo; o Estado de Israel, a terra prometida por Deus, alguma coisa de sempre inalcançável, mas objeto de desejo para a felicidade do povo Hebreu, serviu de joguete para o sadismo de Jeová. Destarte, a impossibilidade política de êxito tinha sempre um atributo moral que condenava Israel, a promiscuidade, os templos de adoração aos outros deuses, e Deus, enciumado, sempre a lembrar os hebreus de seu lugar especial, lugar de nenhum outro povo. E o povo, ingrato, usava de seu livre-arbítrio para virar as costas e Deus como bom Pai, punia para lembrar os escolhidos de sua missão celestial.

Assim, a especulação religiosa também considera os dogmas separados do contexto no qual eles somente tem sentido; ela não os reduz criticamente à sua verdadeira origem interna; antes transforma ela o derivado em primitivo e inversamente o primitivo em derivado. Deus é para ela o princípio; o homem vem depois. Assim distorce ela a ordem natural das coisas! O princípio é exatamente o homem, depois vem a essência objetiva do homem: Deus.(FEUERBACH, 2007, p. 134).

Esse Deus dos hebreus, imortalizado pelos teólogos, desdobra Deus como antecedente ao homem, o cristianismo vai mais longe, ao estabelecer a primordialidade do homem, Jesus, sobre Deus. O crucificado não submeteu-se ao sofrimento mais hediondo por esta ou aquela nação, porém aceitou toda a dor do mundo para que os homens estivessem protegidos de sentir este atroz sofrimento. Como amor, Deus humanizado, selou uma Nova Aliança, anulando os sistemas de punição teocráticos do Antigo Testamento, inviabilizando os sacrifícios de animais e desautorizando os sacerdotes a falar com Deus em nome de todos.

Assim como o Israelita objetivou o caráter nacional em Jeová, o cristão objetivou em Deus a sua essência humana (e, em verdade, subjetivamente humana) libertada da barreira da nacionalidade.[...] Os milagres do cristianismo[...] não tem por meta o bem de uma nação, mas o bem do homem-[...](FEUERBACH, 2007, p. 136).

Com a Nova Aliança recebemos o ensinamento do Homem de que o amor e o perdão substituem todas as punições, de que o sacrifício que devemos oferecer é o da caridade como amor incondicional ao homem, aos pobres e miseráveis, o sacrifício de nós mesmos, de que não existe nenhum interlocutor entre o homem e Deus, pois o homem é Deus e no processo de oração comunica-se consigo mesmo como a procurar nos recônditos de seus abismos os alicerces de sua religião: o cristianismo, como essência de si, substância que não é outra senão a que fecunda o amor como a suprassunção do homem.

Considerações finais

O artigo buscou apontar as nuances do acontecimento da morte de Deus fazendo emergir das fissuras do choque as possibilidades de uma hierofania como aurora dos novos tempos. Deus

dessubstancializado, destituído de toda a sua responsabilidade moral, Deus que revigora o humano como sua essência. A humanidade de Deus como constatação filosófica é produto da descoberta de um defunto imortalizado nos mausoléus da metafísica cristã. Porém, mesmo esta metafísica ou esta filosofia como disciplina acadêmica, fantoches da teologia, não fizeram muito mais que demonstrar a hipótese de Feuerbach, ou seja, de que a razão como veículo do pensamento, acarreta em Deus como telos de seu despojar-se. E se a razão como atributo humano é a sua mais benfazeja realização no mundo, e se Deus não pode ser outra coisa senão a razão no seu exercício perfeito, e se a razão é sempre movimento, envolvimento, dança, então Deus é homem na mesma medida de sua razão. Deus só pode ser homem porque somente o homem pensa, porque somente o homem ama. Pelo amor o homem transfigura a dor pelo perdão deparando-se consigo mesmo na imensidão do Deus que ele é.

Referências

- ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana*. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 3-8, jan./jun. 2011.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papirus, 1989.
- FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Lisboa: edições 70, 2002.
- FIGL, Johann. *Nietzsche und die Religionen. Transkulturelle Perspektiven seines Bildungs- und Denkweges*. Berlin: De Gruyter, 2007. 396 pp. ISBN: 978-3-11-019065-6.
- FIGL, Johann. *Dialektik der Gewalt : Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie ; mit Berücksichtigung unveröffentlichter Manuskripte*. Düsseldorf, Patmos Verl., 1984.
- GILLESPIE, Michael Allen. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: the university of Chicago press, 1995.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Religião e ética no cristianismo não religioso: Uma abordagem a partir de Gianni Vattimo*. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n. 2, 244-268, maio/ago. 2018.
- HEIT, H. *Ende der Säkularisierung? Nietzsche und die große Erzählung vom Tod Gottes*. En S. D. Terne, *Nietzsches Perspektiven. Über Dichten und Denken in der Moderne*. Berlín: De Gruyter, 2014.
- HOEDL, Hans_Gerald. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos*. Nietzsche-Forschung, Band 54, Gebundenes Buch 30, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm . *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm ; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm ; GIACÓIA, Oswald. *Fragmentos póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Wesley de Jesus Barbosa.
wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com